

Anthony Giddens, *O Mundo na Era da globalização*, 4ª Edição, Lisboa, Editorial Presença, 2002, 65 pp.

Anthony Giddens ocupou o cargo de director da London School of Economics and Political Science em 1997. É autor de mais de trinta obras, muitas delas relacionadas com o tema da globalização. Primeiro a utilizar o termo *terceira via*, é frequentemente consultado por variados líderes políticos e foi seleccionado para ser o último conferencista do século XX das Reith Lectures da BBC.

De entre algumas das suas obras poderemos destacar:

· *The consequences of modernity*, Cambridge, Polity Press, 1995

· *Sociology*, Cambridge, Polity Press, 1995

· *Social theory today*, Cambridge, Polity Press, 1993

· *Modernity and self-identity: self and society in the late modern age*, Stanford, Stanford University Press, 1991

· *La constitution de la société : elements de la théorie de la structuration*, Paris, Presses Universitaires de France, 1987

· *Capitalism and modern social theory*, Cambridge, University Press, 1971

· *Para uma terceira via: a renovação da social-democracia*, Lisboa, Presença, 1999

Com este breve texto pretendo analisar a breve obra *O Mundo na Era da Globalização* de Anthony Giddens, a qual se encontra dividida em cinco capítulos: 1 Globalização; 2 Risco; 3 Tradição; 4 Família; 5 Democracia.

Seguindo esta ordem na análise, penso ser mais metódico assinalar com asterisco

cada vez que passar à análise do capítulo seguinte, para evitar rupturas no texto.

Tal como em todos os períodos da história do Homem, paira sobre a nossa cabeça o cenário escatológico de que o Mundo caminha a passos largos para o seu fim. No entanto, porquê não pensar que, se o Mundo se formou tantos milhões de anos antes de nós¹ porque é que não perdurará por outros tantos ou mais ainda?

Num século em que o desenvolvimento e a globalização são temas de conversa em qualquer canto do Mundo, penso que seria útil analisar a questão do ponto de vista de que os esforços que se fazem para acelerar esse processo de evolução e globalização podem ser, simultaneamente, o princípio do fim.

Há que equacionar se é preferível apostar desenfreadamente no desenvolvimento da ciência e da tecnologia em busca de uma melhor qualidade de vida ou por um avanço mais racionalizado das mesmas, procurando atingir um maior coeficiente de esperança média de vida e preservação ambiental.

Afectando todos os campos do social, a globalização está, directa ou indirectamente, a alterar bruscamente o *modus vivendi* da população mundial, contribuindo para o levantamento de movimentos radicais, entre os quais o terrorismo se assume como o mais ameaçador.

Será sobre este prisma de transformação total dos nossos comportamentos vivenciais que a globalização deverá ser avaliada, e não apenas pelo facto da grande maioria das populações ter acesso a tecnologias

avanzadas e de ser possível estabelecer contactos em tempo real entre os quatro cantos do Mundo.

No debate da globalização destacam-se duas grandes facções: a dos cépticos, que julga que a “ economia global não é assim tão diferente da que existia em períodos antecedentes” e que a globalização é apenas um forma dos liberalistas comerciais destruírem os sistemas de segurança social e diminuir os gastos públicos, pois os governantes de cada país continuam a conseguir controlar a vida económica e a manter os benefícios do Estado-Providência, e a dos radicais, que defendem que o processo de um *Mundo Global* se faz sentir por toda a parte e que a partir dos anos setenta os chefes de governo foram, gradualmente, perdendo o controlo dos acontecimentos, passando este para as mãos das grandes organizações mundiais e de empresas/ entidades supranacionais.

Não entrando em conflito, certo é que o volume do comércio externo é hoje maior do que nunca, as transacções financeiras mundiais aumentaram consideravelmente nos últimos anos e o nosso dinheiro ganha ou perde valor de um momento para o outro devido a acontecimentos ocorridos em qualquer parte do globo.

Porém, a globalização não é apenas económica. Como a própria palavra indica, atinge a globalidade dos sectores, e acima de todos, como já referi, o da vida social.

Um dos acontecimentos que mais potenciou este rol de alterações foi o desaparecimento do bloco comunista soviético pois deixou de existir um grupo de países que estivesse for a do sistema global.

*Encarada do ponto de vista meramente económico, a globalização poderá ser

caracterizada pela negativa, pois é responsável pelo aparecimento de entidades culturais, passíveis de desencadear conflitos, e pelo aumento das desigualdades, criando um ambiente de vencedores e vencidos. Posto isto e analisando também o que de positivo a globalização pode acarretar, torna-se extremamente difícil julgá-la benéfica ou prejudicial para a sociedade.

Digo isto porque os riscos não derivam apenas do factor económico e porque a sociedade tem de estar preparada para viver, e se possível contrariar, esses mesmos riscos, típicos de quem quer sempre ir mais além. Mas, sem arriscar não haverá progresso. Resta saber se esse risco se transformará em algo de positivo ou negativo, pois, cada vez mais, o Homem preocupa-se com o que ele fez na Natureza e não com o que a Natureza lhe pode fazer.

*Isto resulta do facto de o risco não afectar “apenas a Natureza, ou aquilo que costumava ser a Natureza”, pois vai influenciar também outras áreas como o casamento, a família e outras instituições.

Até as próprias tradições têm sido afectadas pelo processo de globalização. O que se julga hoje ser tradicional, não passa de um conjunto de hábitos inventados há relativamente poucas décadas. “Tradição inteiramente pura é coisa que já não existe”.

No entanto, para Giddens, as principais características da tradição devem ser o ritual e a repetição, e não a sua idade, dando como exemplo a mensagem de Natal proferida pelo monarca do Reino Unido todos os anos.

O que se verifica em todo o Mundo é o abandonar de certas tradições e o adaptar de outras ao estilo de vida actual. Pode-se assim dizer que se está a construir um conjunto de tradições não tradicionais, ou seja, está-se a modernizar a tradição.

*Tal como no caso anterior, e talvez no seguimento dessa mesma linha, também a vida familiar tem sofrido profundas modificações provocadas por este *Novo Mundo* em que vivemos. São exemplos práticos desta situação as várias leis que têm sido criadas ou alteradas sobre o casamento, o divórcio, a criação dos filhos e seus direitos ou mesmo as relações homossexuais. Verifica-se, cada vez mais, que as alterações familiares ocorridas no Ocidente também influenciam as famílias mais tradicionais do Oriente, e para melhor segundo Giddens.

*Para terminar a sua obra, o autor traça a relação existente entre desenvolvimento/globalização e a democracia.

Na sua opinião, claramente democrática, só é possível atingir a democracia apoiando-nos no desenvolvimento e este só poderá ser efectivado perante a existência de regimes puramente democráticos.

Em jeito de conclusão, fica a ideia de que estando a globalização a influenciar todos os campos da nossa vida quotidiana, é necessário que a mesma seja levada em conta e medida certas para que os “desastres” não sejam superiores aos benefícios.

João Pedro Costa

Licenciatura em História - 4ºAno (ULHT)